

Sonado PMDB resiste à formação de bloco de apoio

Ao considerar um golpe contra o Congresso a formação de um bloco para apoiar o Governo, o líder do PMDB no Senado, Ronan Tito (MG), advertiu ontem aos seus articuladores: "Não contem com o PMDB, não contem com a nossa complacência, não contem com a nossa convivência, não contem com a nossa cumprilidade".

O líder assegurou ao presidente Collor que a criação do bloco é desnecessária, inclusive porque o Governo pode contar com o PMDB no Congresso na adoção de medidas que assegurem a governabilidade. Lembrou que esse apoio nessas questões decisivas já aconteceu no governo Sarney sem problemas.

Considerou o senador que a articulação do bloco no Senado não passa de um golpe, porque pretende apenas formar uma maioria que permita aos colegas do Governo conquistar a presidência da Casa na eleição de fevereiro. "Um bloco perde sua função regimental quando é feito não para fazer política, mas para ganhar a mesa", concordou o líder do PSDB, senador Fernando Henrique Cardoso (SP).

Considerou ainda Ronan Tito que a formação do bloco compromete a independência do Congresso. "Nunca vi um regime democrático sem um parlamento forte, independente", criticou. Em seguida, disse que o PMDB "não é oposição raivosa" e por isso dará sua colaboração à governabilidade, mas que exige respeito e rejeita golpes.

Em apoio, o senador José Fogaça (PMDB-RS) lembrou que o bloco em cogitação no Senado tem o defeito de não reunir partidos e seus líderes, mas sim parlamentares isolados, o que tornaria irregular sua criação.

Nessa resistência, o PMDB insistia no seu direito de, sendo a maior bancada partidária no Senado, indicar seu futuro presidente, rejeitando a manobra da formação de um bloco que reunisse uma maioria, capaz de assegurar a escolha para o cargo do senador Marco Maciel (PFL-PE), que não participou ontem do debate.

COMPROMISSO

Se o grupo governista insistir na formação de um bloco parlamentar, o PMDB pegará um documento prévio de compromisso dos atuais e novos senadores, com a eleição do futuro presidente, oriundo do partido, e com os demais integrantes da mesa diretora do Senado, cuja distribuição obedecerá ao critério da proporcionalidade.

A informação foi dada pelo senador Mansueto de Lavor (PMDB-PE), que garante ter adesão, também, de vários senadores do PFL, insatisfeitos com a idéia do bloco.

Lavor, que concorre à liderança do PMDB, disse que para esse cargo a eleição só ocorrerá em fevereiro, como é praxe da Casa, já que o assunto é restrito à bancada do partido. Ele resolveu se candidatar porque Ronan Tito (PMDB-MG), não pretende disputar a reeleição.

O PMDB terá na próxima legislatura 23 senadores, já descontados Áureo Mello (AM) e Meira Filho (DF), que saíram do partido, e conta com a adesão de outras legendas oposicionistas, perfazendo um total de 18 senadores do PSDB, PT, PDT, e PSB.

28 NOV 1990
CORREIO BRAZILIENSE